

## Ano 2000: o futuro das toxicomanias

Carlos Pinto Corrêa<sup>1</sup>

*Por hoje, temos duas questões a dar conta: o que pode o analista frente ao ano 2000 e o que pode o analista frente ao incremento no uso de drogas. A passagem de século para nós não existe. É apenas o 1999+1. Uma revisão, uma descoberta das potencializações do repetido ritual do ano novo. Momento simbólico de reflexão para tantos e de fantasia sobre um futuro pleno para outros. É mais uma espécie de convulsão inconformada frente ao inevitável da falta. Nem por isso deixaremos de nos reunir aos amigos e pipocar algum champanhe, deixando a questão da falta para o dia 2, quando já livre da ressaca, pudermos enfrentar melhor o nosso gozo frente ao real.*

*Se o tempo futuro é sempre o continuar histórico de um passado, não temos muito em que nos apoiar para estarmos cheios de otimismo com o novo século que se aproxima. Desde a revolução industrial iniciada na Inglaterra, com os novos sistemas de produção e utilização do carvão e depois o petróleo, tudo foi feito em nome de um futuro feliz e de uma abundância para todos. A concorrência pela livre iniciativa, a produção em linhas de montagens, a incipiente automatização, tudo indicava um trabalho menos penoso para o operário e uma disponibilidade de bens a baixo custo, tornando os recursos provenientes do progresso disponíveis a todas as faixas da população. Não foi bem assim. O que ocorreu foi apenas uma troca da elite em que os ricos tomaram os lugares dos nobres, e a esperança por uma sociedade mais igualitária foi adiada. O século XX será sempre lembrado pela dicotomia econômica. De um lado a pers-*

*pectiva do exercício de uma democracia no ocidente reformulava a questão do poder político como uma delegação do povo (maioria) e que, em seu nome, seria exercido, a ideologia de uma felicidade social, que em seu bojo é também sequiosa de oposição ou pluralismo de idéias, antítese de uma dialética capaz de reforçar sua razão de ser. Do outro lado, temos o totalitarismo antagonístico à liberdade ocidental, um ideário cuja existência sombria pode ser sempre invocada como perigosa e ameaçadora.*

*Comunismo e Capitalismo, sistemas fundados em idealismos que pretendiam o mesmo: a felicidade do povo, mas opostos quanto à propriedade e inimigos na mobilização da guerra-fria. Estranha convivência necessária em que um é a razão de ser do outro.*

*A perda do sentido originário dos dois sistemas se fará também por um pensamento semelhante que é o totalitarismo econômico. O conceito de totalitarismo é oriundo da filosofia do século 19, e segundo KURZ, tornou-se uma espécie de bicho-papão para a filosofia ocidental. Por definição, seria aquilo que não passa por economia de mercado ou democracia. A própria lógica econômica do capitalismo suscita sua vocação totalitária, embora tenha camuflado melhor do que o comunismo, o seu verdadeiro âmago: a dominância absoluta do dinheiro como vetor fundamental da economia. Antes da regência pelas leis da chamada economia política e depois mais descaradamente praticado pela economia monetarista, funda-se nos extremos do mundo uma antinomia do acúmulo do capital, com a desculpa de se prover os meios de produção, exercido pelo chamado liberalismo econômico ou pelo comunismo que subtraem da população grande parte do seu produto, tornando irremediáveis as diferenças de classe. O contemporâneo filósofo inglês Bertrand Russel foi exatamente ao ponto em que o poder político é pervertido pelo poder do dinheiro e disse com toda a propriedade: todo poder corrompe. O poder do dinheiro, como é absoluto, corrompe absolutamente. Aqui se insere a questão da produção e circulação da droga.*

*Economicamente, a droga é um bem raro. Sua produção se limita ao consumo de modo a que possa manter o preço, por isso é também cara. Sendo de produção marginal e ilegal, cabe-lhe outra mais valia que se insere com o risco. Além disso, é um bem desejável e*

*de mercado crescente. Insere-se em toda a trama econômica atual que autoriza aos produtores o aperfeiçoamento industrial e de marketing para ampliação dos negócios e incremento do lucro. Desvinculada da questão ética que abrange o consumidor final, pode-se equacionar com os dados anteriormente mostrados que a droga é um bem econômico dos mais expressivos atualmente e que envolve a total corrupção pelo poder econômico. Este poder assusta e vai alargando o sentimento de impotência na recuperação do sujeito drogado, em uma batalha artesanal da psicanálise contra a má-quina poderosíssima do tráfico.*

*A disnomia de nosso tempo, de certo modo compreensível na lógica econômica, precisa ser repensada sob o ângulo dramático do sofrimento humano, na decadência das vítimas usuárias, nas funestas conseqüências familiares, além de toda a sorte de desvios e criminalidade produzidos pelo império do tráfico. Ao lado da violência, da prostituição infantil, do abuso do poder policial e da corrupção política, o tráfico e o uso de drogas se inscreve como importante campo de estudos para a Sociologia, a Antropologia, o Direito, Medicina e, muito especialmente, a Psicanálise. O grupo de fatores que desencadeia um conjunto de dispositivos, que têm uma cadeia de efeitos que se cruzam entre si, nos levam a uma realidade extremamente complexa. Por outro lado, a exigência de uma intervenção adequada só nos tem apontado soluções parciais ou paliativas, por isto mesmo pouco convincentes como resolução das intrincadas questões, dentre elas o uso das drogas.*

*Sobre a inserção do homem na cultura, vale a pena exercitar com o pessimismo de Freud a partir de O Mal-Estar na Civilização. Freud considera três fontes do sofrimento humano: nosso próprio corpo, o mundo exterior, e nossas relações com os outros humanos. Frente a estas armadilhas, apresenta as saídas possíveis para a sobrevivência do sujeito:*

- isolamento voluntário;*
- saber pela ciência;*
- uso de sedativos e intoxicação.*

*Estas três saídas logo se mostraram discutíveis em sua eficácia, pois todas serviam a um gozo. As pessoas ficam subjugadas ao sentido da escolha para o sujeito e nenhuma delas será suficientemente*

boa para o neurótico envolvido em suas próprias questões. A viagem de Freud no *Mal-Estar da Civilização* e em *Totem e Tabu* continua trazendo importantes reflexões que vão muito além da psicanálise, mas não chegam a uma proposição mais específica ou eficaz para melhorar as dificuldades do homem frente ao social. Embora a clínica psicanalítica, cada vez mais, se volte ao que de mais profundo existe na subjetividade humana, a questão da constituição do sujeito, muitas vezes, nos coloca frente a um impossível externo, como especialmente no caso das toxicomanias.

E o que pode a psicanálise? A antropóloga Alba Zaluar, ao tratar do problema da violência urbana, sugere que se substitua a metáfora do fio da meada pelos padrões de uma complicada e variada tessitura que, como o tapete de Penélope, nunca termina. São os cruzamentos dos fluxos que precisam ser flagrados. É uma ambição interessante, mas imaginamos que, por enquanto, não temos uma ferramenta gnoseológica tão acurada que seja capaz de, penetrando no interstício da trama social, psicológica e econômica, esclarecer a essência da questão sem a perda da visão de conjunto. Assim, como proposta bem mais modesta, imagino que a Psicanálise pudesse se ater exatamente à metáfora desprezada, tentando o controle do fio da meada e suas duas pontas. Onde começa e onde termina a toxicomania? O ponto de partida é a intrincada questão que leva o homem ao gozo da intoxicação. Diz-se que Noé, após aportar sua arca depois do dilúvio, apressou-se em plantar uvas para, produzindo o vinho, fazer uma das primeiras comemorações alcoólicas de que se tem notícia. Entre os povos primitivos, também encontramos o alcoolismo, o consumo de plantas alucinógenas, ou o tão difundido uso do ópio, na velha China. O ponto de origem está ligado a um gozo que marca uma atenuação das funções conscientes e de uma auto-conservação corporal, eco ao paradoxo do narcisismo. A ponta final é a recuperação do usuário. Nosso fio da meada parte de uma teoria e chega a uma clínica.

### Teoria Psicanalítica - Ponto de Origem

Historicamente, a psicanálise tem tratado do tema das toxicomanias, sendo que alguns dos discípulos de Freud, especialmente Glover e Ferenczi, elaboraram hipóteses originais a respeito. Freud incluía as intoxicações no

*quadro das neuroses atuais, ou seja, manifestações impossíveis de serem decompostas analiticamente como formações do inconsciente, já que nelas o sexual se encontra reduzido a um tóxico ou se comporta como o puro tóxico. Esta concepção de ordem teórica, aparentemente insustentável na clínica, veio a ser repensada nas análises de ex-dependentes de heroína que evocavam o horror à relação sexual como uma descarga radi-cal. Dito de outro modo, uma perda narcisicamente insuportável. A proposta de uma compreensão pela via do narcisismo leva-nos à questão do corpo do toxicômano. Freud, em 1921, especificou que uma relação hipnótica deveria ser entendida como uma formação de multidões de dois em que o eu se abandonou a um único objeto. Esta proposta freudiana de um novo pensamento sobre o tóxico se revela interessante no paralelo com a condição de muitos toxicômanos cujo corpo parece ter-se elaborado numa formação semelhante. A droga serve para organizar um circuito auto-erótico, que arranque o corpo de outra dependência mais radical. Assim, o tóxico não é a droga, mas antes um excesso que situa o corpo sob uma influência.*

*Hoje sabemos que*

*as toxicomanias realizam um jogo particularmente insólito, pois inventam um método de fazer de si mesmo um corpo estranho graças à incorporação de um tóxico: aquele que incorpora a cada dia, na urgência, tal corpo estranho parece exercer assim uma curiosa tentativa de ser um corpo estranho,*

*de acordo com S. Le Poulichet.*

*Não conseguindo separar verdadeiramente os corpos, a toxicomania vai se conjugar ao exercício da violência e de uma aproximação com uma notação psiquiátrica de psicopatia, delinquência, tendências ao suicídio etc. É importante ressaltar que coube à psicanálise o rompimento com uma série de preconceitos ligados a uma interpretação sobre a motivação autodestrutiva, a uma racionalidade causal da ingestão e dos possíveis tratamentos, quando esta motivação era tomada por um distúrbio da conduta, ou da herança de um modelo médico que tentava considerá-la como uma entidade autônoma. Fugindo das normativas, necessitamos rever nossos modelos metapsicológicos que ofereçam uma melhor compreensão do problema.*

*Da concepção inicial de Freud, que tomou a relação edipiana como fator estruturante fundamental, passamos com Lacan à maior importância da castração e da figura paterna. É o pai que assegura preliminarmente ao sujeito o lugar a partir do qual pode falar. Funções antes atribuídas à mãe, agora se tornam operações reconhecidamente paternas. É o pai que impede o vivente do gozo absoluto, transformando-o em sujeito, e promove a troca do gozo pelo desejo. Esta questão se torna fundamental para a compreensão da clínica psicanalítica do toxicômano, que está marcado por este gozo que substitui o sintoma (o que emerge em vez do sintoma é um fazer ou atuar). “Na toxicomania, trata-se de uma língua sem lei com a significância comprometida” (Tavares).*

### A Clínica: o ponto de destino

*Falar sobre uma clínica de tratamento do abuso de drogas é, antes de mais nada, falar do CETAD, este modelo bem sucedido de instituição que, em seus onze anos de existência, acumulou uma experiência comprovada e reconhecida pela comunidade médica, psicanalítica, educacional e, enfim, por todos aqueles envolvidos com a toxicomania.*

*Levantamos questões a respeito do uso da droga com o sintoma e o gozo. Notamos como a falta do pai, no enodamento que possibilita uma melhor simbolização e um outro trato da angústia, leva-nos a repensar a questão da demanda desses pacientes. Além do gozo próprio do fazer na droga, o escândalo familiar ou as pressões sociais e policiais sugerem uma demanda que não escorre pelos canais comuns da busca de análise. A estrutura de atendimento do CETAD explica por si algumas das vicissitudes do reconhecimento da demanda e do desenvolvimento ulterior do tratamento. Assim encontramos um serviço de acolhimento, o atendimento psiquiátrico, o atendimento e acompanhamento aos familiares, as oficinas, que paralelamente ao trabalho psicanalítico podem tornar esta clínica possível.*

*Como em todas as formas de tratamento psicanalítico modificado, é mister que seja dada atenção especial à tentação e ao risco dos desvios para o atendimento egóico, ou que se oriente a clínica no sentido comportamental, visando a rápida supressão do consumo de drogas e a*

*heróica reintegração ou, se preferem, a adaptação bem comportada do ex-usuário. A transferência e a condição de suposto saber, que exige o abandono do discurso do mestre e a sustentação normativa, são as marcas do trabalho psicanalítico, sempre aliado à supremacia do inconsciente na busca da constituição do sujeito. A psicanálise não pode ter aqui uma espécie de sacrário e permanecer intacta para uso privilegiado. Sua presença transcende e contamina a instituição como um todo, como se não mais pudesse ser negado o inconsciente que pulsa o tempo todo. Mas, nem por isso faz-se psicanálise por todos, o tempo todo.*

## Notas

<sup>1</sup> Psicanalista, fundador do *Círculo Psicanalítico da Bahia – CPB*.

## Referências

- KURZ, R. *Totalitarismo econômico*. In: Folha de São Paulo. São Paulo, 22 de agosto de 1999.
- FERENCZI, S. *L'alcool et les neuroses: oeuvres complètes* Paris: Payot, 1968.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. V. XXI. Rio de Janeiro: ESB Imago, 1976;
- \_\_\_\_\_. *Psicologia de grupo e análise do eu*, V. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GLOVER, E. *On the aetiology of drug-addiction*, In: International Journal of Psychoanalysis, v. XIII, 1932.
- POULICHET, S. *Toxicomanias*. In: Dicionário enciclopédico da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- TAVARES, L. A. *O toxicômano e sua inscrição na modernidade*. In: Caderno X Anos CETAD. Salvador, 1998.
- ZALUAR, A. O crime-negócio e a globalização da cultura no Brasil – médicos. In: Revista do HC da Faculdade de Medicina de São Paulo, Ano II, n. 8, maio 1999.